



Fundação
Cultural
Exército
Brasileiro
Sociedade Civil

Revista

Da Cultura

Ano X – Nº 16 – Abril de 2010 – ISSN 1984-3690

Fortaleza de São José da Ponta Grossa

Um dos vértices do triângulo
de segurança da baía de
Santa Catarina

Entrevista com General Zenildo de Lucena ■ Homenagem ao Dr. Mindlin
Uma ONG na Amazônia ■ Participação do Poder Público no Terceiro Setor
A Carreira de Soldado – Uma Profissão de Fé ■ Haiti ■ Forte Orange II

REVISTA
DaCultura

Diretor

Synésio Scofano Fernandes

Editor

Fundação Cultural Exército Brasileiro

Redator-Chefe

Paulo Roberto Rodrigues Teixeira

Colaboradores

Adhemar da Costa Machado Filho
Juarez Aparecido de Paula Cunha

Revisão

Alvaro Luis Sarkis da Silva
Noemi Catete D'Aurea

Assistente de redação

Marcos Trajano de Souza

Editoração eletrônica

MURO Produções Gráficas
21 2275-6286
muro@email.com.br

Impressão

Pollyx Rioss Comércio Indústria
Serviços Gráficos Editorial Ltda
21 3352-8315

Os conceitos emitidos nas matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião da Revista e do Exército Brasileiro.

A Revista não se responsabiliza pelos dados cujas fontes estejam devidamente citadas.

Salvo expressa disposição em contrário, é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas, desde que mencionados o autor e a fonte.

Aceita-se intercâmbio com publicações nacionais ou estrangeiras.

Os originais deverão ser produzidos em formato A4 (210 x 297), com margens de 2,5cm (usar apenas um lado de cada folha, com letras de 12 pontos e entrelinhamento duplo), acompanhados de uma síntese do currículo e do endereço postal.

Os originais encaminhados à redação não serão devolvidos.

As referências bibliográficas devem ser feitas de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Por imposição de espaço, a redação, sem alterar o sentido e o conteúdo, pode fazer pequenas alterações no texto original.

Fundação Cultural Exército Brasileiro

Palácio Duque de Caxias

Praça Duque de Caxias - Nº 25 - Centro

Ala Marcellio Dias - 5º andar

Rio de Janeiro - RJ

CEP 20221-260

Tel: 21 2519-5352 / Fax: 21 2519-5106

E-mail: funceb@funceb.org.br

www.funceb.org.br

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

Distribuição gratuita

Tiragem: 10.000 exemplares

Sumário

REPORTAGEM

52 •• Fortaleza de São José da Ponta Grossa

ENTREVISTA

03 •• General Zenildo

ARTIGOS

07 •• Homenagem

08 •• Uma ONG na Amazônia

Roberto Duailibi

10 •• A carreira de soldado – Uma profissão de fé

Gen Ex Manoel Luis Valdevez Castro

18 •• A cultura e os valores militares como fatores de êxito na missão do Haiti

Gen Bda Pedro Antônio Fioravante Silvestre Neto

32 •• Participação do poder público no terceiro setor

José Eduardo Sabo Paes

35 •• Itaú Unibanco é considerado uma das melhores empresas para trabalhar no país

40 •• Os militares e o indigenismo

Roque de Barros Laraia

44 •• Arqueologia do Forte Orange II

Marcos Albuquerque

Agradecimento

Ao encerrarmos a revista nº 16, expressamos os nossos agradecimentos a todos que contribuíram conosco para a sua edição. Destacamos: Itaú/Unibanco; Universidade Federal de Santa Catarina, na pessoa do arquiteto Tonerá; O Comandante da 14ª Brigada de Infantaria Motorizada, Gen Bda Manoel Luiz Narvaz Pafiadache; O primeiro-sargento Moacir; os articulistas; os revisores, enfim, graças ao esforço e dedicação de cada um, obtivemos um resultado melhor do que esperávamos.

“Presta-nos auxílio na angústia pois vão é o socorro do homem” Pv 60 :11



Nossa capa

Fortaleza de São José da Ponta Grossa. Localizada ao norte da Ilha de Santa Catarina. Construída pelo Brigadeiro José da Silva Paes, no período de 1740 a 1744.

FOTO DA CAPA: Barckert&Sartori

ACERVO: www.fortalezasmultimedia.com.br



Arqueologia do Forte Orange II

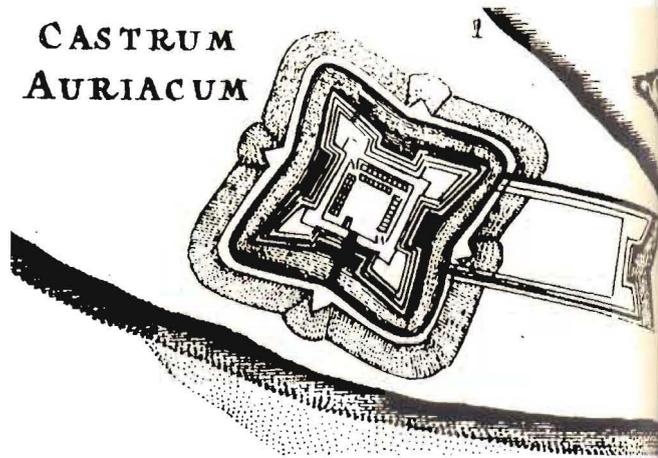
MARCOS ALBUQUERQUE

No número anterior desta conceituada revista de seletos leitores, escrevi um artigo sobre a arqueologia do Forte Orange. No referido artigo procurei desmistificar a ideia, impregnada no inconsciente coletivo, de que o atual forte, que se encontra na Ilha de Itamaracá, no Estado de Pernambuco, e de origem holandesa, como a maioria da população acredita. Procurei ainda desmistificar a ideia de que todas as suas construções são originais. Apresentei fotos incontestes do estado em que esse monumento se encontrava antes dos anos 1970, e consequentemente das intervenções a que foi submetido.

O objetivo central do atual artigo, que recebe o mesmo título seguido de II, tem como cerne apresentar o resultado da pesquisa arqueológica que revelou os vestígios do forte holandês, do Forte Orange, e não da Fortaleza de Santa Cruz,

Ao lado, Planta do Forte de Orange reproduzida por Barleus em sua primeira edição de 1647. Observa-se que os quartéis encontram-se soltos na Praça de Armas. Aparece um hornaveque que não foi encontrado arqueologicamente.

CASTRUM
AURIACUM



denominação para o forte de construção portuguesa. Portanto, deverá ficar claro que, quando a referência for ao forte de construção holandesa, será referido como Forte Orange do mesmo modo quando a referência for ao forte português, será denominado de Fortaleza de Santa Cruz.

Inicialmente, ao se compararem as duas plantas, a holandesa e a portuguesa, poderemos observar algumas semelhanças, como também algumas diferenças.

Ambas as plantas denotam uma semelhança inicial, um traçado abaluartado, onde os ba-

luartes se encontram fechados por uma cortina. Entretanto, um olhar mais acurado sobre essas iconografias permite a observação de estruturas que os diferenciam:

1. Forte Orange: apresenta uma estrutura de defesa externa, o hornaveque, que também é representada em outros fortes, como o do Brum, constitui-se em uma defesa avançada, construída no exterior da fortificação e que normalmente artilhada com canhões. Frequentemente em sua porção mais externa possui baluartes, ou meios baluartes, que minimizam os ângulos mortos de tiro.

2. Fortaleza de Santa Cruz: em toda a iconografia consultada sobre essa fortificação, não encontramos referência à existência de hornaveque.

3. Forte Orange: a porta de acesso principal encontra-se voltada para o Canal de Santa Cruz. Essa prática vulnerabiliza a segurança da fortificação, sobretudo considerando os frequentes ataques marítimos na época. Entretanto, entre os holandeses, era prática comum manter parte da sua esquadra ancorada em frente ao forte, o que dificultaria, em princípio, o acesso inimigo.

4. Fortaleza de Santa Cruz: a porta de acesso principal do forte português encontra-se voltada para terra firme, para o interior da Ilha de Itamaracá, o que sugere uma mudança de concepção quando da ocupação portuguesa desse importante ponto a ser defendido, a barra do Canal de Santa Cruz.

5. Forte Orange: apresenta apenas duas rampas de acesso da Praça de Armas para os baluartes, as quais se encontram em posições opostas.

6. Fortaleza de Santa Cruz: apresenta quatro rampas de acesso da Praça de Armas para os baluartes.

7. Forte Orange: a estrutura desenhada do lado esquerdo da entrada principal é uma casa de



pólvora e encontra-se justaposta à contramuralha do forte holandês.

8. Fortaleza de Santa Cruz: a estrutura identificada na planta portuguesa pela letra I é a casa de pólvora que foi reutilizada, pelo menos por algum tempo, após a construção da Fortaleza de Santa Cruz. Vale notar que na planta holandesa essa estrutura encontra-se ao lado da porta, o que não ocorre com a planta portuguesa, pois a porta principal migrou 90° em relação à holandesa. Outro detalhe que merece destaque é que, na planta portuguesa, parte da casa de pólvora encontra-se na Praça de Armas, enquanto outra parte, no interior da dependência identificada pela letra M. Essa constatação confirma a anterioridade da casa

Na escavação, realizada na Praça de Armas, foi encontrada uma estrutura que corresponde à registrada na planta holandesa como sendo a casa de pólvora.

No alto, interior de uma das dependências do forte português, havia uma depressão que era acessada por uma escadaria colocada em uma intervenção na década de 70.

Detalhe do interior da casa de pólvora onde pode-se observar o local de uma pequena porta de acesso, ainda com resto de dobradiça, em ferro, fixada na parede com chumbo.



Acima, resto de piso, em tijolos, encontrado na praça de armas. Neste momento da escavação ainda não se sabia a sua origem, se portuguesa, ou holandesa.

Vista de uma vala trapezoidal, em perfil, preenchida com material distinto da estratigrafia geral do corte.

Na foto ao lado, observa-se a presença de pedras na base da vala dos alicerces holandeses. Pode-se observar ainda a continuidade destas estruturas nos perfis laterais do corte.



de pólvora em relação às dependências que foram construídas pelos portugueses.

9. Forte Orange: As dependências, ou quartéis, são representadas, nas plantas holandesas, isoladas no interior da Praça de Armas. Existe um espaço entre os limites dessas dependências e a contramuralha.

10. Fortaleza de Santa Cruz: Nas plantas portuguesas, bem como na configuração atual da fortificação, todas as dependências encontram-se à contramuralha, não havendo, conseqüentemente, espaço entre elas e a contramuralha.

Com base tanto no estudo iconográfico como no histórico textual, foram identificados alguns problemas do ponto de vista epistemológico e, conseqüentemente formuladas várias hipóteses de trabalho. Alguns historiadores e arquitetos insistiam que o forte foi “encamisado”, ou seja, as originais muralhas de terra haviam sido revestidas pelas pedras atuais. Caso essa informação fosse verdadeira, o que pode ter acontecido em alguns fortes, significaria que o Forte Orange e o de Santa Cruz possuíam aproximadamente as mesmas dimensões. O estudo exaustivo das plantas, incluindo a utilização de programas gráficos, não fortalecia essa hipótese. Foram estudadas várias possibilidades, em função da superposição virtual de toda a iconografia disponível.

Tínhamos, portanto, muitos problemas a serem resolvidos. Iniciamos a pesquisa, como não poderia ser de outro modo, pelo forte atual, pois até o momento não sabíamos ao certo qual seria a sua relação com o forte holandês, podendo ser fruto do encamisamento do holandês, a continuidade dele, ou ainda apresentar surpresas, aliás, muito frequentes em arqueologia. Acreditávamos, entretanto, em função de nossa experiência com escavação de fortificação, que deveríamos encontrar vestígios da ocupação

holandesa que viessem a esclarecer muitas das dúvidas que pairavam sobre esse monumento.

Com relação à Fortaleza de Santa Cruz, ou seja, ao forte de construção portuguesa, muitos aspectos dessa pesquisa já foram expostos em artigo anterior, publicado nesta Revista. Enfocaremos, portanto, as descobertas relacionadas com o forte holandês, o Forte Orange.

As escavações tiveram início na Praça de Armas. Em alguns pontos foram localizados restos de piso, em tijolos, que tanto poderiam ser de origem holandesa como portuguesa.

Com o avanço das escavações começamos a identificar marcas trapezoidais, em perfil, que poderiam ser o reflexo de aberturas de valas. Na oportunidade em que vários cortes foram abertos na Praça de Armas, essas mesmas estruturas se repetiram em muitos deles, o que permitiu a hipótese de se tratar de valas de alicerce. Ao se unirem graficamente todas essas valas, constatou-se que correspondiam ao traçado dos quartéis desenhados na planta holandesa. Não restava mais dúvida de que tínhamos atingido a quota de ocupação holandesa. Nessa oportunidade verificou-se ainda que o piso de tijolos encontrava-se circunscrito ao espaço dos quartéis holandeses, entre as valas dos alicerces. Começava a se esboçar o traçado do forte holandês. Tínhamos parte do traçado dos quartéis holandeses e parte do piso dessas dependências.

Na base das valas dos alicerces holandeses foram encontradas pedras. Aparentemente esse fato poderia não ser de grande importância, entretanto, vários autores insistiam que na construção holandesa não se usavam pedras. Essa descoberta derrubou mais um mito acerca das construções holandesas. O fato de não se dispor na Holanda de pedras não significa que o contato dos holandeses com os portugueses, no Novo

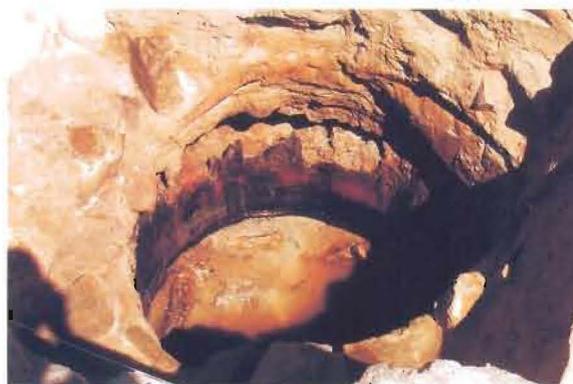


Durante as escavações na praça de armas, surgiu um aro de barril que poderia ser oriundo de descarte de lixo, como já encontramos em outros fortes.

Tem início uma escavação meticulosa desta estrutura que se encontrava soterrada.



Abaixo, com o aprofundamento da escavação, começa-se a perceber que em volta deste "barril" havia uma calçada de tijolos. Já se tinha a certeza de que não se tratava de um descarte de lixo.



Observa-se ainda a madeira do barril que serviu de poço, relativamente íntegra. Em seu interior a ocorrência de material arqueológico característico de descarte no interior de poços.



Acima, foi mobilizada uma unidade operacional para o trabalho de rebalçamento do terraplino.

Foram utilizados dois tratores com caçamba basculante para transportar o material do terraplino para a praça de armas onde estava se processando o peneiramento de todo o material escavado. Os tratores circulavam sobre pranchas de madeira com o objetivo de não danificar a estratigrafia.

Mundo, não os fizesse adaptar suas técnicas construtivas, afinal já fazia mais de um século que os portugueses construíam no Brasil.

Outra estrutura descoberta na Praça de Armas, que remete ao período de ocupação holandesa, foi a casa de pólvora construída com tijolos importados da Holanda, que provavelmente vinham como lastro de navios, estava completamente soterrada. A escavação arqueológica revelou não apenas a sua presença como ainda explicou a depressão que se encontrava, também soterrada, no interior da dependência do forte português. Havia uma continuidade entre elas. A parede da dependência portuguesa “vestiu” parte da casa de pólvora, aproximadamente em sua metade. Essa é a razão de se encontrar a “misteriosa” depressão no interior da dependência portuguesa, atribuída à solitária, a adega, e demais funções que o imaginário popular

cria com muita facilidade. Dentre essas criações, era dito até que se tratava da entrada de um túnel que ligava a Ilha de Itamaracá a Olinda.

Na planta portuguesa, datada de 1763, é representada ainda a casa de pólvora na mesma localização em que aparece na planta holandesa. Embora no mesmo local físico, apresenta uma diferença de 90° em relação à porta de entrada do forte holandês. Ainda outro aspecto curioso que foi detectado durante as escavações foi o de se encontrarem fragmentos de carvão no interior de uma casa de pólvora. O fato não causou surpresa para quem já escavou outras estruturas com a mesma função, pois, sendo a pólvora negra muito higroscópica, o carvão era utilizado para reduzir a umidade do ambiente, e consequentemente, preservar a integridade da pólvora.

No centro geométrico da Praça de Armas havia um poço para o abastecimento de água dos ocupantes do forte, indispensável em qualquer fortificação, pois a sua ausência pode redundar em uma rendição imediata em caso de sítio. O fato de normalmente o poço encontrar-se no centro geométrico da Praça de Armas constituiu-se em uma prática, quando possível, que permite o acesso à água de modo equidistante para todas as dependências da fortificação.

Nesse poço foram utilizados alguns tijolos de origem holandesa, o que não permite a sua associação a uma construção holandesa, pois poderia ter havido uma reutilização da matéria-prima quando da ocupação subsequente pelos portugueses. Com a continuidade das escavações foi encontrado um outro poço, de origem holandesa, não construído em alvenaria e, sim, com a introdução da introdução no solo de um barril de madeira. No entorno foi encontrada uma proteção de pedras que permitia o seu acesso de maneira mais cômoda e higiênica. No interior foram encontrados vários

tipos de material arqueológico. Durante todo o trabalho de pesquisa arqueológica foi realizado um controle químico da água e, por incrível que possa parecer, em virtude da proximidade do mar, a sua água atende quimicamente aos limites preconizados na atualidade pela Organização Mundial de Saúde, fato de suma importância para os ocupantes de uma fortificação, pois a qualidade da água pode ser fator decisivo para uma empreitada militar.

A descoberta desse poço não teve apenas uma importância intrínseca a ele relacionada. Suscitou, de acordo com a metodologia de escavação em múltiplos estágios, novas perguntas e, consequentemente, novas hipóteses de trabalho:

1. o fato de ele não se encontrar no centro geométrico da Praça de Armas do forte atual e de se saber que essa prática era comum, ou pelo menos desejável, permitiu a formulação da hipótese de que o forte holandês não possuía as mesmas dimensões do atual forte português;

2. um novo estudo de superposição virtual de plantas sugeriu a hipótese de que o forte holandês se encontrava circunscrito no interior do forte português;

3. essas duas hipóteses conduziram a outra hipótese, a de que o forte holandês não teria sido “encamisado” pelos portugueses. Caso essa hipótese estivesse correta, a porta do forte holandês deveria encontrar-se soterrada no interior do terrapleno da Fortaleza de Santa Cruz, entre a muralha e a contramuralha, no lado voltado para o Canal de Santa Cruz.

Com base nessa hipótese, teve início a escavação do referido terrapleno. Esperava-se encontrar vestígio do Forte Orange, ou pelo menos vestígios contundentes da ocupação holandesa.

Foram escavadas e peneiradas toneladas de terra com o objetivo de se alcançar uma quota compatível com o forte holandês. Leve-se em conta que



o terrapleno do atual forte se encontrava preenchido de areia entre a muralha e a contramuralha, pois era a condição de sua funcionalidade militar.

Teve início, portanto, a operação de remoção do preenchimento do terrapleno com o objetivo de se comprovar ou negar a hipótese de que em sua base deveriam aparecer vestígios do forte holandês. Praticamente na quota externa do forte português, começaram a surgir vestígios de uma parede construída com tijolos de origem holandesa. Como essas paredes são inclinadas, poderia tratar-se de um desmoronamento, e a prudência científica não permitiu, ainda nesse momento, a afirmação de que se tratava da porta do forte holandês. Tínhamos certeza de que a matéria-prima era de origem holandesa, entretanto não era possível a afirmação de que se tratava da porta.

A escavação teve prosseguimento até que não restou mais dúvida de que se tratava da porta,

Todo o material escavado no terrapleno era transportado para a praça de armas, identificados por nível, para ser submetido ao seu peneiramento. Observe-se o volume de material recolhido, apenas no início da escavação do terrapleno.

No alto, em uma profundidade já considerável, surgiram duas paredes inclinadas construídas com tijolos holandeses.



A parede inclinada era um arrimo que apoiava a estrutura do trânsito.

do Forte Orange. As duas paredes inclinadas eram arrimos que estruturavam a sua entrada principal. Uma portada monumental, como descreveram os holandeses, em pedra.

Essa descoberta não apenas comprovou a hipótese formulada no início do trabalho, como demonstrou ainda que o forte português não foi resultado do “encamisamento” do forte holandês, como alguns pesquisadores afirmavam, pois a porta do forte holandês se encontra circunscrita no interior da muralha e da contramuralha da construção portuguesa.

Com a saída dos holandeses do Brasil, em 1654, o Forte Orange foi ocupado pelos luso-brasileiros. Durante algum tempo, antes de haver reformas e, sobretudo, a edificação da Fortaleza de Santa Cruz. Houve a preocupação de fechar a porta voltada para o Canal de Santa Cruz, pois não atendia aos preceitos de segurança adotados pelos portugueses. Desse modo, fecharam em alvenaria a porta holandesa, provavelmente já improvisando outra entrada onde mais tarde seria a porta principal da Fortaleza de Santa Cruz, voltada para o interior da ilha.

Outra descoberta que permitiu um melhor entendimento da fortificação holandesa foi a da

muralha em terra, edificada em argila, associada a areia e galhos de mato. Toda essa matéria-prima é de origem local, pois muito próximo ao forte existe afloramento da Formação Barreiras.

No conjunto, duas faces do forte holandês puderam ser parcialmente recuperadas: a face voltada para o Canal de Santa Cruz, correspondente à fachada principal do forte, e a face voltada para oeste, para o interior da ilha, disposta a 90°, em relação à primeira. De modo análogo à porta do forte holandês, essa segunda face da muralha também se encontra circunscrita entre a muralha e a contramuralha do forte português. As outras duas faces do forte holandês, entretanto, se encontravam onde hoje existe a Praça de Armas do forte português. Ou seja, o forte português foi construído não “encamisando” o forte holandês e, sim, ampliando as suas dimensões, que, o incorporou entre suas muralhas o Forte Orange, de construção holandesa.

A parte superior da muralha holandesa, em terra, recebia uma paliçada em madeira, também encontrada nessa etapa da pesquisa arqueológica. Restos de madeira e de material metálico para fixação foram encontrados nessa estrutura de defesa. Externamente foram realizadas

escavações com o objetivo de se localizar qualquer vestígio de estruturas de defesa. Na face em que é registrada a presença do hornaveque, na planta holandesa, utilizamos vários procedimentos: escavação manual, mecânica, magnetometria e radar de solo (GPR). Com nenhum dos procedimentos foram encontrados vestígios dessa estrutura de defesa externa. Surgem, portanto, três possibilidades: 1 – O hornaveque nunca chegou a ser construído pelos holandeses, apesar de projetado. 2 – A sua construção foi em madeira, suspensa, de modo que não deixou vestígios. 3 – Movimentação de terra no exterior do forte, ao longo dos séculos, destruiu os vestígios dessa estrutura.

Além das estruturas descobertas, tanto do forte português, quanto do holandês, milhares de peças utilizadas no cotidiano de seus ocupantes foram resgatadas. Esse fardo material arqueológico, também com peças raras, será motivo de um próximo artigo nesta Revista.

Não nos resta a menor dúvida de que o resultado dessa pesquisa permitiu um melhor entendimento e compreensão da herança comum partilhada entre Brasil, Holanda, Portugal e Espanha. Contribuiu ainda para um entendimento “material” da rica, e ainda pouco conhecida, História Militar brasileira.

A equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, que se dedica há 45 anos ao estudo da arqueologia militar, sente-se gratificada por ter realizado esta pesquisa que teve resultados tão esclarecedores, tanto para os pesquisadores brasileiros quanto para os holandeses que participaram das escavações. Sente-se ainda mais gratificada pelo trabalho de educação patrimonial realizado durante as pesquisas, recebendo milhares de visitantes de diferentes classes sociais, nacionalidades e graus de instrução. Todos participaram de uma visita



Restos da muralha do forte holandês, construída em terra.



Acima, visita da CRO/7 ao canteiro de escavações.

Ao lado, visita de Sua Majestade a Rainha Beatriz, dos Países Baixos, acompanhada da família real.

guiada ao canteiro de escavação e, com certeza, absorveram algo de nossa história, reforçando a ideia de que uma sociedade que não conhece seu passado não tem perspectiva de futuro.

MARCOS ALBUQUERQUE é natural de Recife – Pernambuco. Coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE. Professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE. Pesquisador do CNPq, Doutor em Arqueologia Histórica e Membro da Academia de História Militar do Paraguai – www.magmarqueologia.pro.br

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico – Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.maqmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia do Forte Orange II, in: Revista DaCultura, p. 44-51, Ano X, no. 16, FUNCEB, 2010.